

O TORMENTO DE LÁZARO

José Elias

Água.

Fria demais.

Escuro demais.

O corpo entra antes da decisão. Um passo em falso. O chão some. O peso puxa. O mundo vira baixo e cima ao mesmo tempo. O choque corta o fôlego.

Braços se agitam. Errados. Rápidos demais. A água entra na boca. Amarga. Dura.

Ele tenta subir. Não sobe.

As pernas chutam o vazio. Os braços batem em algo que não cede. Pedra? Madeira? Não importa. O ar não vem. O peito queima. Queima rápido demais. Não.

O pensamento não termina.

O corpo entra em pânico antes da mente entender. Ele se debate, gira, perde a noção de onde está a superfície. Tudo é peso. Tudo empurra para baixo. A água invade os ouvidos, os olhos, o nariz.

Ele tenta gritar. A boca abre.

A água entra.

O som morre ali.



As mãos arranham o nada. Unhas raspam em algo duro. Ele bate. Bate de novo. Não é parede. Não é saída. É só resistência. O mundo inteiro virou resistência.

O coração dispara. Forte. Rápido. Errado.

O corpo se dobra, se estica, se contorce. Não há técnica. Não há direção. Só movimento desesperado, instintivo, caótico. Um animal preso num lugar onde não deveria estar.

O ar acaba.

O peito contrai. Espasmos. Uma dor profunda, central, impossível de ignorar. Ele se debate mais forte, mais rápido, como se a força pudesse substituir o oxigênio.

Não agora.

A ideia surge sem palavras.

Imagens quebradas atravessam a mente: luz, vozes, algo quente, algo distante. Não é lembrança. É reflexo. O cérebro procurando qualquer coisa para se agarrar.

Os movimentos começam a falhar. O mundo escurece pelas bordas. O som fica abafado.

O corpo ainda luta, mas já não obedece direito.

Então, no limite absoluto - quando não há mais ar, nem coordenação, nem promessa - algo se rompe.

Não dor. Não medo.

Um deslocamento.

Como se o tempo tivesse dado um passo em falso junto com ele. Lázaro acordava antes do despertador.

Não lembrava do sonho. Só do aperto.

O quarto ainda escuro. O ventilador empurrando o ar quente de um lado para o outro, inútil. O coração batendo rápido demais para alguém que acabou de acordar. Ele ficava imóvel por alguns segundos, esperando o corpo se acalmar. Às vezes funcionava. Às vezes não.

Ao lado, a esposa dormia. De costas. O movimento leve do corpo. Tudo certo. Tudo intacto.

Mesmo assim, algo estava errado.

Ele sentava na cama, passava a mão no rosto. A sensação persistia: como se tivesse vindo de muito longe para estar ali. Como se aquele dia já tivesse sido vivido - não exatamente, mas quase.

No banheiro, a luz fria. O espelho devolvia um rosto comum demais para carregar o peso que ele sentia. Olhava por alguns segundos. Depois desviava.

Evitar o reflexo era mais fácil.

O café era sempre o mesmo. Forte. Amargo. O pão seco. O barulho da rua entrando pela janela. Vida normal. Vida acontecendo.

No celular, imagens passavam: viagens, casas grandes, risos largos demais. Ele fechava. Abria de novo. Sabia que aquilo o deixava pior. Sabia também que não conseguia parar.

A filha surgia na porta, mochila nas costas, cabelo bagunçado. Ele sorria. Um sorriso real- mas curto. Abraçava. Sentia o peso pequeno nos braços.

Por alguns segundos, aquilo bastava.

Depois vinha o pensamento, sem convite, sem forma completa: Era só isso?

No trabalho, o tempo não avançava. Apenas se acumulava. Horas empilhadas. Tarefas repetidas. Vozes dizendo as mesmas coisas. Ele fazia tudo certo. Nunca mais que o necessário. Nunca menos.

À tarde, o cansaço não vinha do esforço. Vinha da certeza.

À noite, sentado no sofá, a televisão ligada sem som. A esposa falava de contas. Ele assentia. A filha brincava no chão. Tudo correto. Tudo no lugar.

E ainda assim, o incômodo.

Às vezes, antes de dormir, uma sensação específica surgia. Um aperto no peito. Um frio estranho. Uma imagem sem forma.

Água.

Ele não sabia por quê.

Virava de lado. Fechava os olhos. O pensamento insistia, sempre o mesmo, sempre incompleto:

Se eu tivesse...

Nunca terminava a frase.

E, em noites assim, o corpo reagia antes da mente. O coração acelerava. A respiração encurtava. Um medo antigo, sem nome, como se algo tivesse dado errado muito antes- não ali, não agora.

Muito antes.

Ele nunca contou isso a ninguém. A vida de Lázaro não era ruim.

Esse era o problema.

Acordava cedo. Sempre cedo. O despertador tocava quando ainda estava escuro, e ele desligava antes do segundo toque, como se tivesse medo de acordar algo além do corpo. O quarto era pequeno, mas limpo. O ventilador fazia o mesmo barulho há anos. Um rangido leve, constante, quase reconfortante.

Ao lado, a esposa dormia. De costas. O cabelo espalhado no travesseiro. A respiração regular. Tudo normal. Tudo em ordem.

Ele ficava alguns segundos parado, olhando para o teto, esperando aquela sensação estranha passar. Às vezes passava. Às vezes não.

Levantava.

O chão frio nos pés. O banheiro estreito. A luz branca demais para aquela hora. O espelho devolvia um rosto comum. Sem marcas. Sem nada que chamasse atenção. Um rosto que parecia sempre estar no lugar errado do próprio corpo.

Ele escovava os dentes rápido, sem olhar muito tempo para o reflexo. Evitar o espelho não era decisão. Era hábito.

Na cozinha, o café forte demais. O pão amanhecido. O barulho distante da rua começando. Moto. Vozes. Um rádio tocando algo que ele não reconhecia. Vida acontecendo.

Ele sentava à mesa pequena e comia sem pressa, mas sem prazer. Tudo tinha gosto de rotina.

O celular vibrava.

Ele desbloqueava sem pensar. Imagens.

Casas grandes.

Viagens.

Restaurantes caros. Pessoas sorrindo demais.

O dedo subia a tela sozinho. Ele fechava o aplicativo. Abria de novo. Sabia que aquilo o deixava pior. Sabia também que não conseguia parar. Não era inveja direta. Era algo mais corrosivo. Uma comparação silenciosa, constante, inevitável.

Eles conseguiram.

Eu fiquei.

A filha aparecia na porta, ainda sonolenta, mochila torta nas costas. Pequena demais para o peso que carregava. Ele sorria. Um sorriso automático no começo, que ficava real no meio. Abaixava para abraçá-la. Sentia o corpo leve, quente, vivo. Aquilo deveria ser suficiente.

E por alguns segundos, era.

Depois vinha o pensamento. Sempre depois. Nunca durante.

Era só isso?

Ele odiava esse pensamento. Tentava empurrá-lo para longe. Tentava se concentrar no cheiro do cabelo da filha, no barulho da casa acordando. Mas o pensamento voltava, insistente, sem forma definida, como uma coceira interna impossível de alcançar.

No trabalho, o tempo não passava. Ele apenas se acumulava.

Mesas iguais. Computadores iguais. Conversas repetidas com palavras diferentes. Lázaro fazia tudo certo. Nunca menos. Nunca mais. Competente o bastante para não ser advertido. Invisível o bastante para não ser promovido.

O corpo cansava cedo. Um cansaço que não vinha do esforço físico. Vinha da repetição. Da certeza de que o dia seguinte seria uma variação mínima daquele. Às vezes, no meio da tarde, ele parava por um segundo e tinha a sensação estranha de estar atrasado para algo que não sabia nomear. Como se tivesse perdido um compromisso importante em algum ponto da vida – não naquele dia, não naquela semana, mas em algum lugar muito antes.

O pensamento não se completava.

À noite, em casa, a televisão ficava ligada sem som. A esposa falava das contas. Do mercado. Do aluguel. Ele assentia. Sempre assentia. Não discordava. Não discutia. Não brigava.

Nada estava errado o suficiente para justificar uma explosão.

A filha brincava no chão. Ria alto. Chamava por ele. Ele respondia. Brincava junto. Estava ali. Presente.

E ainda assim, sentia como se estivesse ocupando a vida de outra pessoa.

Antes de dormir, o silêncio do quarto voltava. O ventilador. O teto. A mancha que nunca lembrava quando surgira. O corpo deitado, cansado, mas a mente inquieta. Era sempre nesse momento que algo surgia.

Não uma lembrança.

Não um sonho.

Uma sensação física.

Um aperto no peito. Um frio estranho no estômago. A impressão clara, quase violenta, de que algo havia acontecido – algo importante, decisivo – e ele não estava lembrando direito.

Uma imagem sem forma insistia. Escura.

Fria.

Água.

Ele virava de lado. Fechava os olhos com força. Tentava pensar em outra coisa. No trabalho do dia seguinte. Na escola da filha. Em qualquer coisa concreta.

Mas o pensamento voltava, fragmentado, incompleto:

Se eu tivesse feito diferente... Nunca chegava a completar a frase.

E, em noites assim, o coração acelerava sem motivo. A respiração ficava curta. Um desconforto antigo, profundo, como uma rachadura que começava pequena, silenciosa, mas inevitável.

Lázaro não sabia ainda. Mas a fissura já estava ali. Não acontece de uma vez. Primeiro, a sensação.

O mesmo aperto no peito. Mais forte. Mais fundo. O ar parece curto demais para o quarto. Lázaro se senta na cama, a mão pressionando o centro do tórax, o coração disparado sem razão aparente.

– Calma... – diz para si mesmo. A palavra não ajuda.

O mundo inclina levemente. Não gira. Inclina. Como se algo tivesse sido deslocado meio centímetro para fora do lugar certo. O som do ventilador estica. O quarto parece distante demais.

Então some.

Água.

O choque vem inteiro. Frio brutal. O corpo reage antes de qualquer pensamento. Braços se agitam. Pernas chutam. O mundo é peso. O ar não vem.

O desespero é imediato, absoluto, conhecido demais.

Ele bate em algo duro. Pedra. O fundo. O impacto dói, mas a dor é irrelevante. O que importa é subir. Subir. Subir.

Os movimentos são errados. A água entra na boca. O som morre. O peito queima. Não.

O corpo se debate com tudo o que tem. O coração dispara. O ar acabou. E então - tão abrupto quanto começou - o mundo muda.

Ele emerge.

Tosse. Violento. Descontrolado. O corpo dobra sobre si mesmo enquanto o ar volta em rajadas curtas. As mãos cravam na terra molhada. O gosto de água e lama na boca. O peito ardendo.

Ele reconhece o lugar antes de reconhecer a si mesmo. O rio.

A margem. As árvores. Adolescente.

Ele fica ali, ajoelhado, ofegante, o coração tentando sair do peito. As mãos tremem. O corpo inteiro treme. Não é frio. É choque.

—Não...— a palavra escapa, rouca. - Não pode ser...

Ele olha para os próprios braços. Mais finos. Menos marcados. A pele lisa demais. Passa a mão no rosto, sente traços esquecidos. Levanta rápido demais, quase cai.

—Isso não... isso não é possível.

A voz soa estranha. Mais jovem. Mais limpa.

Ele ri uma vez. Um riso curto, nervoso. Depois para. O riso morre rápido demais para virar alívio.

–Eu voltei...

Não há celebração.

Há medo.

O tempo passa. Ele observa. Testa. Erra. Acerta. Nada o puxa de volta imediatamente. Os dias seguem. As semanas.

E então ele entende:

não é um instante.

É um intervalo.

Ele está ali. De verdade.

Aos poucos, o medo dá lugar a outra coisa. Possibilidade.

Ele muda pequenas coisas primeiro. Evita pessoas. Escolhe caminhos diferentes. Estuda mais. Observa mais. O futuro – o antigo futuro – está todo na cabeça dele.

Dessa vez, ele não repete erros.

Ele fala pouco, mas quando fala, é firme.

– Não. Isso não vale a pena.

– Confia em mim.

– Eu sei onde isso vai dar.

As pessoas estranham. Depois passam a ouvir.

As escolhas certas se acumulam. Uma após a outra. Como peças que sempre estiveram fora do lugar e agora se encaixam com facilidade assustadora.

O dinheiro vem antes.

O reconhecimento vem logo depois.

Ele sobe rápido demais para alguém tão jovem. Mas ninguém questiona resultados. Ninguém nunca questiona.

Ele se olha no espelho e, pela primeira vez, não desvia.

– Agora sim – diz, em voz baixa.

A vida cresce. Casa melhor. Carro melhor. Roupas que não parecem provisórias. Pessoas que o escutam com atenção real. Respeito. Conforto.

Ele sorri mais. Ri mais alto. Aprende a ocupar espaço.

Quando pensa na vida antiga - na esposa, na filha – a memória já começa a se organizar de outro jeito. Como algo distante. Uma versão ruim de si mesmo.

– Era isso – diz, certa noite, sozinho. – Era isso que faltava. Por um tempo, funciona.

Ele acorda sem o aperto. Dorme sem o pensamento incompleto. O corpo parece mais leve. O futuro, finalmente, parece certo.

Ele acredita que venceu. Que corrigiu.

Que encontrou o ponto exato onde tudo deveria ter começado. Mas o incômodo não desaparece.

Ele volta primeiro como um ruído baixo. Um detalhe fora do lugar. Um silêncio longo demais depois das conquistas. Uma pergunta que não se forma inteira, mas insiste. Mesmo cercado de conforto, ele sente.

A mesma fissura.

A mesma sensação de atraso.

A mesma água invisível subindo por dentro.

Ele percebe isso numa manhã comum, olhando a própria vida organizada demais.

—Não...— diz, quase irritado. — Não faz sentido.

O pensamento retorna, idêntico ao de antes, cruel por ser familiar: Era só isso?

E, pela primeira vez desde que voltou, Lázaro entende. Ele não corrigiu a vida.

Ele apenas adiou o incômodo.

O tempo, silencioso, começa a se fechar de novo ao redor dele. Ele não resiste quando acontece de novo.

Dessa vez, não há surpresa.

O aperto no peito volta em silêncio. Não como um ataque, mas como um aviso. O mundo inclina levemente. O som estica. O ar fica curto.

Lázaro fecha os olhos.

—Não agora...— diz, mais cansado do que assustado. Não adianta.

O puxão vem de dentro. O corpo perde peso. O chão desaparece.
Água.

Sempre água.

O choque é o mesmo, mas a reação é diferente. O corpo ainda se debate, mas há reconhecimento no desespero. As mãos buscam a margem com mais precisão. O ar falta, o peito queima, mas ele sabe que vai sair.

Quando emerge, tossindo, ajoelhado na lama, não há pânico. Há irritação.

—De novo...

Ele não perde tempo. Não observa o lugar. Não testa o corpo. Já sabe onde está. Já sabe quem é.

Ele levanta, respira fundo, limpa o rosto. Dessa vez, muda mais.

Escolhe outro caminho profissional. Outra cidade. Outras pessoas. Evita erros com antecedência cirúrgica. Não apenas corrige: antecipa.

O resultado vem mais rápido. Mais dinheiro.

Mais poder. Mais controle.

Uma vida melhor do que a anterior. Inquestionavelmente melhor. Por um tempo, ele se convence de novo.

Mas o incômodo não espera tanto quanto antes.

Ele aparece em pequenas falhas. Em vitórias que não dão descarga emocional. Em noites em que o corpo descansa, mas a mente fica desperta, encarando o teto.

– Isso é ridículo – ele diz, em voz alta, para ninguém. – Olha tudo isso.

Ele abre os braços, apontando para a própria vida. Tudo ali é sólido. Concreto. Conquistado.

Mesmo assim, o vazio não se move.

Ele espera mais um pouco. Aguenta mais do que na vez anterior. Insiste. Quando o puxão vem outra vez, ele já está de pé.

– Então tá – diz, resignado. – Vamos de novo.

As voltas se acumulam. Ele para de contar.

Cada retorno é uma variação mínima do mesmo episódio: a água, o desespero breve, a margem, o corpo jovem. O tempo sempre o aceita sem resistência.

E ele explora.

Vidas onde é admirado. Vidas onde é temido.

Vidas onde é amado de forma intensa, quase obsessiva.

Famílias diferentes. Parceiras diferentes. Filhos que não são os mesmos – ou que nem existem.

Ele experimenta versões de si mesmo como quem troca de roupa. Algumas vestem melhor. Outras incomodam menos.

Nenhuma resolve.

O padrão se repete com precisão cruel:

Ascensão.

Estabilidade.

Silêncio.

Incômodo.

Sempre o mesmo ponto. Sempre a mesma pergunta sem forma.

Às vezes, ele tenta ignorar.

– Isso é só cansaço - diz.

– Todo mundo sente isso.

– Felicidade não é permanente.

Mas o corpo não aceita essas respostas. O puxão volta. Sempre volta.

E, aos poucos, algo muda. Não no mundo.

Nele.

As memórias começam a se sobrepor. Datas se confundem. Rostos se misturam. Ele lembra de conquistas que não sabe em qual vida aconteceram.

Em frente ao espelho, às vezes hesita.

—Quem é você hoje? - pergunta ao próprio reflexo. Não há resposta.

Ele começa a perceber fissuras. Pequenas falhas na continuidade. Sensações de déjà-vu que não vêm de lembranças, mas de excesso delas.

E, no fundo, algo pior:

A suspeita.

Talvez o problema nunca tenha sido a vida. Talvez tenha sido ele.

A ideia o irrita. Depois o assusta. Depois se instala.

—Não — ele diz, firme, numa das vidas mais confortáveis que já teve. - Não sou eu. Mas a frase não convence nem a ele.

O incômodo não cresce. Ele se repete. Sempre do mesmo tamanho. Sempre no mesmo lugar.

Como uma ferida que não cicatriza porque não é externa. Quando o puxão vem de novo, Lázaro não luta.

Ele apenas fecha os olhos. E vai.

Ele começa a esquecer coisas pequenas.

Primeiro, detalhes sem importância. Datas. Endereços antigos. A ordem correta dos acontecimentos. Nada que não pudesse ser explicado pelo excesso de vidas, excesso de versões.

—Normal — ele diz. — É normal.

Mas o esquecimento não respeita hierarquia.

Ele esquece o rosto de alguém que amou em uma das vidas. Lembra do sentimento, não da face. Depois esquece a voz. Depois o motivo pelo qual aquela pessoa importava tanto.

As memórias começam a se soltar como páginas mal encadernadas.

Ele tenta organizá-las. Escreve. Anota. Cria listas. Em qual vida isso aconteceu? Em qual ele escolheu isso e não aquilo?

Os registros ajudam por um tempo. Depois começam a contradizer uns aos outros.

– Isso não está certo...– murmura, olhando para um caderno cheio de caligrafias diferentes, todas dele.

Ele percebe que escreve diferente conforme a vida. Conforme a versão. O espelho já não devolve certeza.

Às vezes ele se encara por longos minutos, procurando algo fixo. Um traço que atravessasse todas as versões.

Não encontra.

O puxão vem de novo. E de novo. E de novo.

As voltas ficam mais próximas. Os intervalos, menores. Como se o tempo estivesse cansado dele.

Entre uma vida e outra, algo começa a faltar.

Ele acorda numa dessas existências- confortável, segura, bem-sucedida - com uma sensação estranha no peito. Não é vazio. É ausência.

Como se algo tivesse sido retirado sem deixar buraco. Ele tenta lembrar o que é.

Não consegue.

Passa o dia com a impressão de que esqueceu algo importante em casa, mas não sabe o quê. Revira gavetas mentais. Nada.

À noite, a sensação piora.

Ele se senta na cama, mãos nos joelhos, respirando devagar.

—O que eu perdi? - pergunta ao quarto. Nenhuma resposta.

Dias depois, a imagem vem. Não inteira.

Não clara.

Uma criança.

Pequena.

Cabelo escuro.

Sentada no chão, desenhando.

O coração dele falha um compasso. Ele leva a mão ao peito.

—Eu...— a voz quebra. - Eu conheço você.

A imagem não fala. Não se move. É só um recorte, flutuando fora de contexto. Ele tenta puxar mais lembranças. Força. Aperta os olhos.

Nada vem.

Só a certeza absurda, esmagadora, de que aquilo importava mais do que qualquer outra coisa.

—Quem é você? — ele pergunta, quase em súplica. A pergunta ecoa sem resposta.

Ele tenta voltar ao passado com um objetivo diferente dessa vez. Não para melhorar a vida. Não para subir mais alto.

Para encontrar a criança.

Mas cada retorno bagunça ainda mais as coisas.

Às vezes ela existe. Às vezes não. Às vezes ele passa perto dela sem reconhecer. Outras vezes, sente que a perdeu antes mesmo de tê-la.

O nome nunca vem.

Ele tenta inventar um. Nenhum encaixa.

A ausência do nome dói mais do que a ausência da lembrança completa. Porque sem o nome, ela não se fixa. Não se ancora na realidade.

—Eu sou seu pai...— ele diz numa dessas vidas, sozinho, como se testasse a frase. Ela soa falsa. Incompleta.

Ele começa a perceber algo aterrador:

As vidas continuam melhores. O dinheiro continua vindo.

O controle continua intacto.

Mas quanto mais ele acerta o mundo, mais apaga a si mesmo.

E a filha — a criança sem nome - é sempre a primeira coisa a desaparecer. Ele passa a voltar no tempo já em pânico, tentando segurar o que resta.

—Espera...— diz, quando sente o puxão. - Espera só mais um pouco. O tempo não escuta.

Entre uma vida e outra, ele já não sabe qual delas foi a primeira. Qual era a “original”. Se aquela criança realmente existiu ou se é só um erro de memória acumulada.

Mas o corpo sabe.

O corpo reage sempre da mesma forma quando a imagem aparece: aperto no peito, falta de ar, uma dor funda demais para ser inventada.

– Você é real – ele insiste. – Eu sei que é.

O esquecimento avança como ferrugem. Silencioso. Irreversível. E, mesmo sem lembrar do nome, Lázaro entende:

Se ele continuar voltando, se continuar corrigindo, se continuar buscando,

ela será completamente apagada.

E, ainda assim, quando o puxão vem outra vez, ele não consegue parar.

Lázaro voltou mais uma vez.

Tentou reconstruir a vida que um dia fora sua - e quase conseguiu. Havia ecos: o contorno da esposa, um sorriso infantil que surgia como miragem. Sombras frágeis do que poderia ter sido. Mas o vazio permanecia. Uma ausência funda, constante, que rasgava o peito sem jamais cicatrizar.

Naquela linha do tempo, ele nunca se casou.

Nunca teve a filha que, em outras vidas, sustentava sua alma.

Numa noite solitária, parou diante do espelho. O cansaço era antigo, acumulado em camadas de tempo. Ele se encarou como se estivesse diante de um estranho – e o desespero, enfim, tomou forma.

– Por que não me deixa ser feliz? - gritou, a voz quebrada, rouca.

O eco da pergunta atravessou o banheiro e pareceu atravessar o tempo. Não houve resposta.

Então, tudo mudou.

Ele despertou num cubículo metálico, estreito demais para permitir fuga ou conforto. As paredes eram lisas, frias, sem qualquer fissura. À sua frente, uma tela se acendeu.

No vídeo, estava ele mesmo.

A duplicata falava sem pressa, sem emoção - cruel não pelo tom, mas pela honestidade.

“Você fez tudo isso para, no fim, voltar ao início? Para retornar à sua vida ‘infeliz’?”

Lázaro deu um passo à frente, o coração disparado.

“Você viveu tudo. Tentou corrigir, subir, descer, recomeçar. E ainda assim nunca esteve satisfeito.”

A voz prosseguiu, implacável.

“A verdade é simples: você nunca estará.

Porque o problema nunca foi o tempo. Nunca foi a vida. É você.”

O ar pareceu rarear.

“Seu tormento não é externo, nem fruto do destino. Ele é inerente. Quanto mais tenta escapar, mais o recria.

Você foge da verdade como um covarde.”

O chão do cubículo começou a ceder. Um som grave ecoou. A água surgiu, escura, silenciosa, inevitável.

“A felicidade não é um lugar. Não é um momento. Ela só existe quando a verdade é encarada – e você jamais teve coragem.”

O pânico veio inteiro.

Lázaro bateu nas paredes com desespero absoluto, gritando, chorando, perdendo qualquer resquício de controle. Era um animal encurralado, recusando-se a aceitar o fim.

–Me deixa ser feliz! – gritava, para o metal, para o vazio, para si mesmo. A água subia. O espaço encolhia. O mundo se tornava pesado demais.

No instante derradeiro, quando tudo parecia prestes a se apagar, algo rompeu o torpor: uma lembrança inteira, clara, dolorosa.

Um nome.

No instante final, quando apenas seu rosto choroso restava para fora da superfície, algo quebrou o torpor da morte: a lembrança esmagadora daquele nome.

–Sofia! – ele gritou, voz turva, rasgada, desesperada, uma súplica final que cortou o silêncio como um trovão.

A água o engoliu lentamente, um abraço mortal.

Já submerso, seu corpo continuou o frenesi- braços e pernas se agitavam violentamente, as unhas cravando no metal com o desespero de quem tenta rasgar a própria prisão. O pânico controlador aos poucos dava lugar ao cansaço; seus movimentos tornavam-se erráticos, depois lentos, até que um silêncio profundo tomou conta.

Os golpes pararam.

Os espasmos cessaram.

O corpo relaxou, entregando-se à escuridão, e o mundo tornou-se vazio.

No fundo frio do cubículo, no silêncio quebrado apenas pela voz impassível da duplicata na tela, Lázaro desapareceu.